



Isabel Cristina Pires
Escritora

Espirais e Labirintos

Foi-me pedido que escrevesse um pequeno texto sobre os contos de *A Casa em Espiral*. Escrever sobre o já escrito obriga a uma reflexão mais funda, que é um pouco como abrir uma caixa de pandora: dela brotam códigos, símbolos, há interpretações que se clarificam. Naturalmente que se trata apenas da minha leitura, do meu sentir perante as palavras.

Vejo-os como contos de espirais e labirintos, disse eu, no comentário que escrevi no livro. Contos cruéis, contos sem história, fábulas sem moral de qualquer espécie.

Na verdade, todos os personagens são vítimas de tremendas catástrofes; não há culpados nem inocentes: todos se perdem no labirinto, naquelas rugas imprevisíveis que a vida tece.

É curioso como a escrita deste comentário me tornou visível a importância (mais invasiva ainda do que a catástrofe), do aleatório, da ausência de arbítrio que os personagens têm perante a vida, quando uma das ambições do ser humano é controlar e prever o seu destino. Se no conto *Os Tigres Gregos* a figura feminina é punida por não ousar, já no conto *As Janeiras* as crianças que resolvem ir à aventura são punidas por ousar...em *O Deus dos Crocodilos*, a inocência é castigada, enquanto que em *O Velho Zebion*, é a rebelião que atrai a cólera divina.

Nestas histórias tudo parece caótico, sem ordem e sem códigos. E, no entanto, sabemos (sabemos?) que existe um caminho possível e exacto na teia emaranhada.

O conto *O Labirinto da Catedral de Chartres* foi escrito depois de eu ter visto o labirinto no chão da própria catedral, traçado com um fio de cobre. Unidimensional, quase humilde, mas hipnótico. Aquele símbolo continua vivo e perturbante.

Será pela incerteza constante que são tão atraentes os labirintos, as espirais, a linha curva, o abismo, o desafio? Tudo isso são sinónimos de se ser humano: a humanidade arrisca e é curiosa.

Não podemos viver sem uma imensa curiosidade, sem a incerteza que é a essência do sagrado. Cada encruzilhada, real ou metafórica, provoca mistérios e perguntas. Quando se pinta um quadro, uma pincelada de tinta divide o espaço e as cores, gera problemas que exigem solução, ergue uma espiral de dúvidas.

Num conto, cada acontecimento pergunta por outro de maneira repentina, e é esse um dos prazeres de escrever pequenos contos. Tal como a maior parte dos poemas (que começam

Isabel Cristina Pires, *Espirais e Labirintos, forma breve 1*, 2003, p. 251-252 | 251



com um verso insistente e pulsátil que exige continuidade), num conto é uma dada personagem ou situação que desempenha esse papel catalítico. Depois é apenas descrever aquilo que se vê...ou sobretudo aquilo que se não pensa.

Ao contrário de um romance, nestes pequenos contos podemos dar-nos ao luxo de não saber. Não saber o que vai acontecer, que rumo os personagens exigem, que novas interações irão surgir: é assim que nos sentimos num dédalo sem qualquer fio condutor, maravilhados e assustados por aquilo que existe dentro de nós e que de súbito irrompe como um extraterrestre das próprias entranhas...esse é o labirinto pessoal de cada escritor.

Depois há o labirinto do prazer e da dor dos personagens. Tal como eles, oscilamos constantemente entre emoções contraditórias, entre perder e ganhar, entre o amor e a morte, quer se trate de uma paixão ou do acto de atravessar uma rua. Não há nenhum momento que não esteja colorido de emoção, positiva ou negativa, mesmo subliminar.

O que tem isto a ver com estes pequenos contos? São essencialmente contos de perda. De destruição. De ausência. Um casal desencontra-se no *Fio de Ariane*, o novo poder das mulheres – e portanto a ameaça – surge no *Conto do Homem Excessivamente Barbudo* e *Na Rapariga do Armário*. A morte está sempre presente em todos eles: o medo da morte é o tema central de *O Cadáver Sonhador*, e a atracção pela morte percorre todo o conto sobre *O Pintor de Borboletas*.

Este último conto foi inspirado num velho retrato de oitocentos que herdei, em que um burguês tranquilo, de mãos marmóreas, sapudas e arroxeadas, nos olha fixamente.

A *Casa em Espiral*, que dá o nome ao livro, foi escrita após um sonho, onde uma lua vermelha e gigantesca, quatro vezes maior que o habitual, ostentava uma cruz gamada, e uma casa rodava devagar com uma chaminé em forma de búzio de latão....

Não, não sabemos o que vai acontecer, que monstro espreita lá dentro para devorar os personagens ou a nós mesmos. Temos medo, e o medo alerta-nos, excita-nos. O que admiramos mais no mito de Teseu e do Minotauro? A coragem de Teseu que vai matar o monstro, ou seja, decifrar o labirinto, ou a sábia precaução de Ariadne, que lhe entrega o fio sem o qual se perderá?

Como toda e qualquer viagem, o labirinto surpreende-nos, transforma-nos, exige flexibilidade; adquire assim um duplo poder de amor e desamor, de positivo e negativo, que é a própria essência de estar vivo. "O mundo é composto de mudança", dizia Camões, e nada está quieto, tudo se encontra em equilíbrio instável, nada é seguro ou eterno.

Estes contos são sobre a perda e sobre a irrisão da perda. Mas se olharmos para qualquer forma de arte do séc. XX, vemos *grosso modo* como as formas redondas e sinuosas foram substituídas pela linha recta e pelos ângulos súbitos de Picasso, Braque, Cézanne, Kandinsky e tantos outros. A linha recta já não representa a infinitude, mas sim a previsibilidade crua das cidades.

Ouvimos, na música, a destruição da linha tonal pelo dodecafonismo – que ainda hoje nos é difícil de aceitar -, ou sentimos, numa coreografia, num poema, numa escultura, a angústia kafkiana, a angústia em linha recta que perpassa num mundo estilhaçado por guerras, por mutações de valores, pelo desaparecimento das raízes que prendem os homens à sua teia de vida.

Foi talvez por isso que estes contos me brotaram assim: para que eu exorcisasse a minha própria perda, para que ela se evolasse para dentro das páginas de um livro feito de contos sem história. Apenas espirais e labirintos.